

SERMÃO “SERAPHIM STABANT” – “OS SERAFINS ESTAVAM”

Sermão para a festa da Trindade¹

*S. Tomás de Aquino*²

“Os serafins estavam acima dele; seis asas tinha um e seis asas tinha o outro; com duas cobriam a sua face, com duas cobriam os seus pés e com duas voavam, clamavam entre si e diziam: ‘Santo, santo, santo, Senhor Deus dos exércitos, e toda a terra está cheia de sua glória’” (Is 6,2-3).

Introdução

Entre todas as religiões e seitas, a fé cristã goza de um privilégio: ela contém muitos elementos que superam os naturais e racionais — isto é, acima da razão —, diferente de todas as demais. Isso porque nela nos são prometidas algumas coisas excelentíssimas que excedem não apenas o intelecto, mas inclusive o desejo da criatura racional.³ Daí também o Apóstolo dizer que “o olho não viu, nem o ouvido ouviu nem o coração do homem alcançou [aquilo que Deus preparou para aqueles que o amam]” (I Cor 2,9).

Por isso, segundo a conveniência das promessas, na fé cristã se encontra a excelência das coisas que se devem crer. Por outro lado, na Lei Antiga são prometidas coisas terrenas e carnis, conforme diz Isaías (1,19): “Se quiseres me ouvir [comereis o fruto precioso da terra]”.⁴ E, por este motivo, não foi necessário que nela fossem reveladas em maneira expressa coisas que excediam a razão, embora nela foram transmitidas, implicitamente e, de certo modo, ocultamente, muitas coisas que superam a razão. E é isso que diz o

1) A data deste sermão, de autenticidade quase certa, se enquadra dentro da primeira regência em Paris, antes ou durante a redação do *De veritate* (1256-1259).

2) Tradução, subtítulos e notas: Felipe de Azevedo Ramos, EP, a partir da versão latina encontrada em THOMAS DE AQUINO. *Seraphim stabant* (ed. Leonina, 44.1, p. 176-186). Foram cotejadas as traduções para o francês e para o inglês (em particular para a elaboração das notas), das seguintes edições: THOMAS D’AQUIN. *Sermons*. Tr. Jean-Pierre Torrell. Paris: Cerf, 2014, p. 189-201; THOMAS AQUINAS. *The Academic Sermons*. Tr. Mark-Robin Hoolland. Washington: Catholic University of America Press, 2010, p. 159-170.

3) Cf. *S. Th.*, I-II, q. 114, a. 2, co.

4) Cf. *S. Th.*, I-II, q. 99, a. 6, s.c. et co. in fine.

Senhor no Evangelho de hoje:⁵ “Se vos falei das coisas da terra, e não crestes, como me creereis quando vos falar [das coisas do céu?]” (Jo 3,12). Se, portanto, não creram no próprio Cristo que lhes disse coisas terrenas pelos profetas — pois Ele é o Verbo pelo qual toda palavra se faz para os profetas —, como creiam n’Ele se dissesse coisas celestes? Por outro lado, não podemos conhecer aquelas coisas que estão acima da razão, mas é necessário crer pela fé; pois conhecer pertence à razão, ao passo que o crer pertence à vontade.⁶

Ademais, por este motivo, foi conveniente que a autoridade daqueles que revelam e das coisas reveladas fosse superior, sobretudo no que diz respeito à Santa Trindade.

1. O profeta manifesta a autoridade daqueles que revelam por três modos

Ora, o profeta manifesta a autoridade daqueles que revelam o mistério da Santa Trindade no tempo presente por três modos: [1.1] pela função, [1.2] pela dignidade e [1.3] pela concórdia.

1.1. Pela função

Precisamente por sua função, pois “serafins” quer dizer aqueles que são “ardentes e incandescentes”,⁷ fazendo referência à ordem dos Apóstolos. Nesse sentido, assim como os serafins têm preeminência entre todas as ordens dos espíritos celestes, assim também os Apóstolos são exaltados sobre todos outros santos em graça e em glória,⁸ conforme a Segunda Epístola aos Tessalonicenses (2,13): “Deus nos escolheu como primícias para a salvação, pela santificação do Espírito e a fé na verdade”. De fato, eles “têm as primícias do Espírito”, conforme diz o Apóstolo aos Romanos (8,23). Os Apóstolos, portanto, inflamados pelo fogo do Espírito Santo (cf. At 2,3), foram apropriados e idôneos a transmitir o mistério da Santa Trindade.⁹ Contudo, porque é

5) Note-se que se tratava do Evangelho lido na Missa da Trindade conforme o uso da Ordem dos Pregadores.

6) Cf. *De ver.*, q. 14, a. 1, co.; *S. Th.*, II-II, q. 2, a. 1, ad 3; *In Epist. ad Hebr.*, 11, 1.

7) JERÔNIMO. *Liber interpretationis Hebraicorum nominum*, Is. (CCL 72, 121-122:24-25); ISIDORO DE SEVILHA. *Etymologiae*, lib. VII, v, 24 (PL 82, 273D-274A). Cf. etiam: *In Sent.*, II, d. 9, q. 1, a. 3, sol.; *De ver.*, q. 9, a. 2, ad 2; *S. Th.*, I, q. 63, a. 7, ad 1.

8) Cf. *S. Th.*, I, q. 43, a. 7, ad 6; *S. Th.*, I-II, q. 106, a. 4, co.; *S. Th.*, III, q. 72, a. 2, ad 1.

9) Cf. *S. Th.*, I, q. 57, a. 5, ad 3.

conveniente que aquele que vem de outro manifeste aquele do qual procede, assim também o Filho, que vem do Pai, manifesta-O: “Pai, manifestei o teu nome [aos homens]” (Jo 17,6). O Espírito Santo, que vem do Pai e do Filho, manifesta-Os: “Ele [o Espírito da Verdade] me glorificará [porque receberá do que é meu e vos anunciará]” (Jo 16,14). Daí que foi conveniente que o mistério da Santa Trindade nos fosse revelado por serafins, isto é, por Apóstolos instruídos pelo Filho e inflamados pelo Espírito Santo. Diz o Apóstolo na Primeira Epístola aos Coríntios (2,10): “A nós, porém, Deus o revelou [pelo Espírito]”. E é por isso que se celebra a festa do Espírito Santo, após a festa da Trindade.

1.2. *Pela dignidade*

Deduz-se a autoridade e o primado deles pela dignidade, porque “estavam acima dele”, isto é, sobre o tempo. Diz o Salmista: “Tu os constituirás príncipes” (Sl 44/45,17). Mas é necessário prestar atenção ao que é dito a respeito dos serafins: “Com duas asas cobriam a cabeça, com duas asas cobriam os pés e com duas asas voavam”. Trata-se de exprimir a autoridade deles conferida por Deus. Com efeito, ela lhes é concedida a fim de revelar algumas coisas e ocultar outras aos homens. Assim, pois, o Apóstolo diz que ouviu “palavras inefáveis, que não é lícito ao homem falar” (II Cor 12,4). Também diz em outra passagem: “Como a crianças em Cristo, dei-vos leite para beber, não alimento sólido” (I Cor 3,1-2), pois “sou devedor de sábios e de ignorantes” (Rm 1,14). Portanto, voavam ensinando, mas ao mesmo tempo escondendo, cobrindo a cabeça, pois não se pode investigar o próprio primeiro princípio de todas as coisas. Ademais, porque o próprio princípio é também o fim, conforme é dito no Apocalipse (1,8), daí que escondiam também os pés. Por outro lado, as partes intermediárias não ficavam veladas, porque aquelas coisas que existem desde o princípio até o fim, a saber, os efeitos divinos, nos são manifestas (cf. Rm 1,20).¹⁰ Por isso é que se lê no Evangelho: “O Espírito sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem nem para onde vai” (Jo 3,8). Contudo, é ouvida apenas a voz, isto é, os efeitos do Espírito do Senhor, mas eles são conhecidos na medida do possível. Não se sabe, entretanto, “de onde vem”, e por isso que cobriam a cabeça; “nem para onde vai”, porque velavam os pés.

10) Cf. *S. Th.*, I, q. 2, a. 2.

1.3. *Pela concórdia*

Em terceiro lugar, a autoridade dos Apóstolos lhes é conferida pela concórdia, porque todos — e não um, dois ou três —, transmitiram o mistério da Trindade de modo concorde, explícito e evidente. Daí dizer o Apóstolo: “tanto eu como eles [eis o que pregamos]” (I Cor 15,11). E é por isso que se diz que os serafins “clamavam entre si”. Por conseguinte, assim se esclarece a autoridade dos que revelam o mistério da Trindade.

2. *A autoridade das coisas reveladas*

Resta agora considerar o que revelavam [os serafins] quando diziam: “Santo, santo, santo, etc.”. Nestas palavras nos são insinuadas três coisas: [2.1] primeiro, o mistério da santa Trindade; [2.2] segundo, a imagem impressa da própria Trindade nas criaturas racionais; [2.3] terceiro, o próprio vestígio da mesma Trindade que reluz em todas as demais criaturas.

2.1. *O mistério da Santíssima Trindade*

Eles nos manifestam, pois, o mistério da Trindade ao dizer: “Santo, santo, santo”. A este respeito deve-se entender, conforme defende Dionísio, que nenhuma via é tão eficaz para conhecer a Deus quanto a “via pela remoção” (*via remotionis*).¹¹ Com efeito, Deus pode ser perfeitamente conhecido quando se saiba que Ele está por cima de tudo que possa ser cogitado. Donde se lê sobre Moisés — tão familiar em relação a Deus, tanto quanto é concedido ao homem nesta vida —, que ele se aproximava de Deus entre nuvens e no meio da escuridão, isto é, ao conhecer o que Deus não era, alcançou o conhecimento de Deus.¹² Pois bem, a “via pela remoção” se compreende pelo nome de “santidade”, pois é comum entre todos os doutores que “santo” significa o mesmo que “puro”, ao passo que puro significa o que é separado dos outros.

Para prová-lo, é necessário saber que entre as coisas criadas, três coisas se encontram de modo excelentíssimo: [2.1.1] a essência, [2.1.2] o conhecimento e [2.1.3] o afeto.¹³ Contudo, elas muito se diferenciam; mais ainda, elas não podem alcançar a pureza segundo a qual elas se encontram em Deus.

11) Cf. PSEUDO-DIONÍSIO. *De divinis nominibus*, c. 1, 5 (CD, I, p. 116, 14-117, 11; PG 3, 593B-D; *Dionysiana*, I, p. 38-41).

12) Cf. *SCG*, III, c. 49.

13) Que correspondem respectivamente ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

2.1.1. Na essência

Ora, nas essências das coisas criadas encontram-se três tipos de defeito que devem ser excluídos por completo de Deus.

[a.] O primeiro defeito é o da enfermidade da corrupção, que é encontrado em todas as criaturas corruptíveis.¹⁴ Comenta Isaías (24,4): “A terra soçobra, ela perece”.

[b.] O segundo defeito é o da composição. Ora, este defeito se encontra também nos corpos celestes, porque embora livres da corrupção e do efêmero, mesmo assim não alcançam a pureza da essência divina, pois são compostos.¹⁵ Daí dizer Jó (15,15): Mesmo “os céus não são puros” diante d’Ele.

[c.] O terceiro defeito é o da mutabilidade. Ora, esta também se dá nos anjos, os quais, apesar de livres da corrupção¹⁶ e da composição,¹⁷ assim mesmo encontra-se neles a mutabilidade. Diz Jó (4,18): “Eis que aqueles que o servem não são estáveis”. E a razão disso é porque “em seus anjos encontra-se o defeito” (idem). E se são de algum modo imutáveis, isso não se deve pela natureza, mas pela graça de Deus.¹⁸

Por conseguinte, acima disso está o primeiro princípio incorruptível, simples e imutável: e esta santidade é a santidade de Deus Pai que é princípio de toda Deidade.¹⁹ Diz o Salmista: “Que eles reconheçam teu nome [grande e terrível: ele é Santo]” (Sl 98/99,3). E, portanto, ao Pai são atribuídas três propriedades com intuito de excluir os supramencionados defeitos: [ad a.] O poder, a fim de excluir a enfermidade da corrupção.²⁰ Daí dizer o Salmista: “Tu és poderoso, Senhor” (Sl 88/89,3); [ad b.] a unidade, seguindo Agostinho,²¹ a fim de excluir a composição;²² [ad c.] a eternidade, seguindo Hilário,²³

14) Ao passo que somente Deus é imutável (cf. *S. Th.*, I, q. 9, a. 2, co.).

15) Ao passo que Deus é simples (cf. *S. Th.*, I, q. 3).

16) Cf. *S. Th.*, I, q. 50, a. 5.

17) Cf. *S. Th.*, I, q. 50, a. 2 e lugares paralelos. N.B. Entende-se aqui a composição de matéria e forma e não de ato e potência ou de *esse* e *essentia*.

18) Cf. *In Iob*, 15, 15. Cf. etiam: *S. Th.*, I, 62, a. 1.

19) Cf. *S. Th.*, I, q. 27, a. 1, co.; *S. Th.*, I, q. 42, a. 3, co.

20) Cf. PEDRO LOMBARDO. *Sent.*, I, d. 34, c. 3-4; TOMÁS DE AQUINO, *In Sent.*, I, d. 34, q. 2, sol.

21) Cf. AGOSTINHO. *De doctrina christiana*, I, 5 (CCL 32, 9:15-18). Cf. etiam: TOMÁS DE AQUINO. *In Sent.*, I, d. 31, q. 3, a. 1, 5.

22) Cf. TOMÁS DE AQUINO. *In Sent.*, I, d. 31, q. 3, a. 1, sol.

23) Cf. HILÁRIO DE POITIERS. *De Trinitate*, II, 1 (CCL 62, 38:20-22).

a fim de excluir a mutabilidade. Daí dizer o Salmista: “Tu pelo contrário és sempre o mesmo [e teus anos jamais findarão!]” (Sl 101/102,28).

2.1.2. *No conhecimento*

Também no conhecimento encontra-se uma tríplice deficiência, segundo o modo do conhecimento das criaturas, que são triplamente deficientes.

[a.] O primeiro defeito é o conhecimento material e singular. Trata-se do conhecimento sensitivo, que é encontrado somente nos animais.

[b.] O segundo defeito é o conhecimento que ocorre pelos fantasmas. De fato, apesar de o nosso conhecimento se voltar para os universais, ele é, todavia, obscuro, pois “agora vemos por um espelho [e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face]” (I Cor 13,12), dado que conhecemos através das imagens das coisas sensíveis.²⁴

[c.] O terceiro defeito de conhecimento é que ele é diminuído. Isso ocorre também nos anjos, os quais, embora tenham conhecimento claro, pois não recebem o conhecimento através das coisas sensíveis — e a prova disso é que eles apareciam aos profetas com os olhos fulgurantes.²⁵ Não obstante, o conhecimento deles é diminuído, porque pelas próprias forças naturais não podem ver a Deus por essência, dado que nenhum intelecto criado pode ver a essência de Deus, a não ser pela graça.²⁶ Daí dizer o Apóstolo: “A graça de Deus é a vida eterna” (Rm 6,23). Contudo, assim mesmo é um conhecimento diminuído, pois embora vejam a essência de Deus pela graça, eles não compreendem.²⁷ Nesse sentido, diz-se que quando uma voz se fazia ouvir no firmamento, os anjos “abaixavam as asas” (Ez 1,25 [vulg.]). Sobre esta passagem, o Crisóstomo comenta que nem sequer as próprias essências celestes poderiam ver a essência de Deus tal qual ela é.²⁸

Ora, acima desses conhecimentos, está o conhecimento do Verbo de Deus que ao conter todas as coisas, conhece todas as coisas. E por isso os arianos foram estultos, pois de Deus subtraíram o Verbo. A razão é que, se assim fos-

24) Cf. *S. Th.*, I, q. 12, a. 12.

25) Cf. *In Iob*, 40, 10

26) Cf. *S. Th.*, I, q. 12, a. 4, s.c.

27) No sentido de não ter um conhecimento abrangente. De fato, nenhuma criatura pode ter conhecimento abrangente de Deus. Cf. *S. Th.*, I, q. 56, a. 3, ad 1.

28) JOÃO CRISÓSTOMO. *Comentário a João*, 1, 18 (hom. 15), pela trad. de Burgúndio de Pisa.

se, Deus não se conheceria a si mesmo.²⁹ Portanto, essa santidade é a santidade do Verbo de Deus. Diz o Salmista: “Tu habitas num lugar santo, louvor de Israel!” (Sl 21/22,4 [vulg.]). Este é, pois, o louvor daqueles que veem a Deus, a fim de que possam habitar num lugar santo, isto é, na participação do conhecimento do Verbo de Deus. E porque o Verbo de Deus é puro desses defeitos, daí são atribuídos a Ele três propriedades: [ad a.] a sabedoria, a fim de excluir o conhecimento singular; [ad b.] Hilário atribui a Ele a beleza,³⁰ ou seja, o esplendor, a fim de excluir o conhecimento obscuro; [ad c.] Agostinho atribui a Ele a igualdade, a fim de excluir a diminuição.³¹

2.1.3. *No afeto*

Semelhantemente, no afeto se encontra uma tríplice deficiência de santidade.

[a.] O primeiro defeito ocorre quando a afeição fica privada. Com efeito, a natureza se degenera quando se adequa a uma natureza inferior. Por outro lado, outras criaturas, as irracionais, possuem afeto ao próprio bem singular, a saber, a sua conservação. E é por isso que quando alguém tem um afeto particular, rebaixa a sua honra. Daí dizer o Apóstolo: “Todos os que procuram seus próprios interesses, [não são de Jesus Cristo]” (Fl 2,21).

[b.] O segundo defeito ocorre quando a afeição fica restringida e fechada, e esta é causada pelo primeiro defeito. Daí que a razão pela qual se os homens não comunicarem os bens é porque se amam a si mesmos. Esses são repreendidos por São João: “Se alguém vê o seu irmão na necessidade [e lhe fecha o coração, como permanecerá nele o amor de Deus?]” (I Jo 3,17).

[c.] O terceiro defeito ocorre quando a afeição fica inquieta. Ora, isso se dá quando o afeto não repousa no último fim. Diz Agostinho: “O nosso coração está inquieto enquanto não repousa em Ti”.³²

Pois bem, acima destas afeições está a afeição santa, a saber, o amor divino, ao qual nada é privado, porque ama “todas as coisas que existem e nada [do que fizeste te aborrece]”, conforme o livro da Sabedoria (11,25 [vulg.]).³³ Ele não está fechado, porque “quando abres tua mão, [saciam-se de bens]”,

29) Cf. *S. Th.*, I, q. 14, a. 2; *S. Th.*, I, q. 34, a. 2.

30) HILÁRIO DE POITIERS. *De Trinitate*, II, 1 (CCL 62, 38:20-22).

31) Cf. nota supra n. 21.

32) AGOSTINHO. *Conf.*, I, 1 (CCL 27, 1:7).

33) Cf. *S. Th.*, I, q. 20, a. 2, s.c.

conforme diz o Salmista (Sl 103/104,28). Ele não fica inquieto, porque é amor do fim último que se ama a si mesmo e todas as coisas por si mesmo. Por isso é também perpétuo: “Na caridade perpétua [eu te amei]” (Jr 31,3) e Ihe são atribuídas três propriedades:³⁴ [ad a.] a comunhão, a fim de que fique claro que não é privado, uma vez que o amor privado gera a discórdia;³⁵ mas o Espírito Santo é próprio ao mais alto bem, e é por isso que Ele é o elo. [ad b.] A bondade, a fim de que fique claro que não é fechado, “pois o bem é por si mesmo difusivo”.³⁶ Daí dizer o livro da Sabedoria: “Como é bom o espírito” (Sb 12,1). [ad c.] O uso, a fim de que fique claro que é pacífico e direcionado ao fim. Ora, Agostinho explica que o uso é a fruição,³⁷ porque Deus pelo amor divino frui-se a si mesmo e ama o Filho com amor de fruição.

Mas essas seriam talvez três santidades? Não. Com efeito, em nós uma coisa é o ser, outra o querer e outra o entender. Por isso, uma coisa é a santidade da essência, outra a da vontade e outra a do intelecto; contudo, em Deus, o ser, o entender e o querer se identificam.³⁸ Daí decorre que é a mesma santidade desses três. Ora, repete-se três vezes [santo] não para revelar uma tríplice santidade, mas a santidade de três.

2.2. *A imagem da Trindade impressa nas criaturas espirituais*

Ele [Isaías] revela que a imagem da Santa Trindade está impressa nas criaturas racionais, ao dizer: “Senhor Deus dos exércitos”.

A esse respeito deve-se entender que tal semelhança d’Ela é tanto mais expressa naquelas quanto mais estão próximas e unidas a Deus.³⁹ Ora, as criaturas racionais encontram-se neste modo, e por isso nelas reluz mais a semelhança da Trindade, a qual se revela de três modos.

34) I.e. ao Espírito Santo.

35) Cf. *S. Th.*, II-II, q. 37, a. 1.

36) Axioma neoplatônico atribuído a Pseudo-Dionísio.

37) AGOSTINHO. *De Trinitate*, VI, 11 (CCL 50, 242:29-36). Cf. etiam: PEDRO LOMBARDO. *Sent.*, I, d. 31, c. 2.

38) Cf. *S. Th.*, I, q. 13, a. 4: “Os nomes atribuídos a Deus, ainda que signifiquem uma única coisa, não são sinônimos, porque significam segundo razões múltiplas e diversas”.

39) Cf. *S. Th.*, I, q. 4, a. 3.

2.2.1. Pela providência em relação a elas

Em primeiro lugar, através de uma especial providência que Deus exerce sobre a criatura racional, ao punir, prescrever e recompensar.⁴⁰ E é por isso que diz: “Senhor”.

2.2.2. Pelo fim e pela recompensa delas

Em segundo lugar, porque é especialmente o fim e o prêmio da criatura racional, mas é o fim comum de todas as criaturas.⁴¹ Por isso diz: “Deus”, conforme a Epístola aos Hebreus (11,16): “Deus não se envergonha de ser chamado o seu Deus”, e o Gênesis (15,1): “Eu sou tua recompensa [muito grande]”.

2.2.3. Para serem livres

Em terceiro lugar, diz respeito à liberdade. Com efeito, as demais criaturas são movidas, pelo que não agem por si próprias em seus atos. É por isso que são como que escravas, em particular porque existem em vista de outras.⁴² Já a criatura racional age por si, porque é livre e senhora de seus atos. É por isso que são “militantes”,⁴³ pelo que se diz: “dos exércitos”, isto é, dos anjos. A respeito desses fala Jó (25,3): “Pode alguém contar o número de seus soldados?”; e dos homens: “todos os dias nos quais atualmente eu milito” (Jó 14,14). A imagem da Trindade brilha neste exército: no anjo, porque é “sinal de semelhança” (Ez 28,12), e no homem, pela memória, intelecto e vontade.

2.3. O vestígio da Trindade nas demais criaturas

Por outro lado, ele sugere que o vestígio reluz nas demais criaturas,⁴⁴ quando diz: “a terra está cheia [de sua glória]”. E isso fica claro na primeira instituição das coisas.

40) Cf. *S. Th.*, I, q. 22, a. 2, ad 5.

41) Cf. *S. Th.*, I-II, q. 1, a. 8, co.

42) Cf. *S. Th.*, I, q. 22, a. 2, ad 4; *In Ioh.*, I, 4b.

43) Cf. *In Iob.*, 25, 3.

44) Cf. *S. Th.*, I, q. 45, a. 7

2.3.1. *Pelo poder de Deus*

De fato, encontra-se nelas o poder de Deus Criador, para que o Pai seja reconhecido: “No princípio Deus criou o céu e a terra” (Gn 1,1), etc. E quando se lê que “a terra era vazia e vaga” (Gn 1,2), isso deve ser entendido enquanto considerada em si mesma, porque a sua plenitude vem da glória de Deus.

2.3.2. *Pela arte de Deus*

Encontra-se nelas a arte de Deus que forma todas as coisas, para que o Filho seja reconhecido.⁴⁵ Assim como o artista, por sua arte, atribui uma forma à matéria, assim também Deus, pelo seu Verbo, que é “arte cheia de seres vivos racionais”,⁴⁶ distribui as formas próprias a todas as coisas.⁴⁷ Donde se dizer: “Deus disse: ‘Faça-se a luz’”, isto é, “gerou o Verbo no qual estava o que viria a ser”.⁴⁸

2.3.3. *Pelo beneplácito de Deus*

Encontra-se nelas o beneplácito aprovador de Deus, para que o Espírito Santo seja reconhecido. Donde dizer: “Deus viu tudo o que tinha feito: [e era muito bom]” (Gn 1,31), ou seja, Ele aprovou.

2.3.4. *As propriedades das criaturas*

Encontra-se também o vestígio no que diz respeito às propriedades, pois qualquer criatura subsiste pelo poder do Pai, possui beleza porque foi formada pelo Verbo de Deus, e possui ordem pelo Espírito Santo que a direciona ao fim.⁴⁹

45) Cf. *S. Th.*, I, q. 44, a. 3, co.

46) Cf. AGOSTINHO. *De Trinitate*, VI, 11 (CCL 50, 241:21-22). Cf. etiam: TOMÁS DE AQUINO, *In Sent.*, II, d. 13, q. 1, a. 5, s.c. 2; *De veritate*, q. 2, a. 14, s. c. 2; *In Ioh.*, 1, 3-4a.

47) Cf. *S. Th.*, I, q. 45, a. 6, co.

48) AGOSTINHO. *De Genesi ad litteram*, II, 6 (CSEL 28/1, 41:20-42).

49) O editor leonino, no prefácio (p. 177), reporta que o sermão é desprovido de conclusão e de doxologia, o que provavelmente ocorreu por um defeito na transmissão do texto (*reportatio*).